



Estresse Ocupacional de Cirurgiões-Dentistas que exercem Docência em uma Faculdade Privada

Raissa Santos Chaves¹, Cláudia de Jesus Pinheiro², Taiomara Vieira Mania³

Resumo: Este estudo objetivou avaliar a prevalência do estresse e da Síndrome de Burnout (SB) e fatores associados entre cirurgiões-dentistas exercendo a docência em uma faculdade privada. Nesta pesquisa de campo, observacional e analítica, transversal, de abordagem quantitativa, foram entrevistados todos os 43 cirurgiões-dentistas docentes, utilizando um questionário autoaplicável envolvendo questões bi demográficas e profissionais e os Inventários de Lipp (ISSL) e *Burnout Maslach – General Survey*. Obtiveram-se 40 questionários respondidos válidos. A maioria dos docentes sentia-se sobrecarregada (67,5%), estressada (72,5%) e esgotada (57,5%). O estresse foi confirmado pelo ISSL em 40,0% dos participantes, sendo a fase de resistência predominante (35,0%). A SB não foi identificada. Os principais fatores estressantes foram o trabalho extra sala de aula e questões relacionadas aos discentes. Conclui-se que o estresse, na fase de resistência, esteve presente no exercício docente de cirurgiões-dentistas, associado ao sexo feminino e à autopercepção de estresse, sobrecarga e esgotamento.

Palavras-chave: Estresse ocupacional; Esgotamento psicológico; Depressão; Educação Superior; Docentes de Odontologia.

¹ Graduanda, Colegiado de Odontologia, Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR, Vitória da Conquista, BA, Brasil. chavesrai@hotmail.com;

² Psicóloga, Vitória da Conquista, BA, Brasil. claudiapinheiro02@outlook.com;

³ Professora, Mestre, Colegiado de Odontologia, Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR, Vitória da Conquista, BA, Brasil. taiomaravieiramania@hotmail.com.

Occupational Stress in Dentists exercising Teaching in a Private College

Abstract: This study aimed to evaluate the prevalence of stress and Burnout Syndrome (BS) and associated factors among dentists teaching at a private college. In this field research, observational and analytical, cross-sectional, with a quantitative approach, all 43 teaching dentists were interviewed, using a self-administered questionnaire involving biodemographic and professional issues and the Lipp Inventory (ISSL) and Burnout Maslach – General Survey. There were obtained 40 valid answered questionnaires. Most professors felt overwhelmed (67.5%), stressed (72.5%) and exhausted (57.5%). Stress was confirmed by ISSL in 40.0% of the participants, being the predominant resistance phase (35.0%). SB has not been identified. The main stressing factors were work outside classroom and issues related to students. It is concluded that stress, in the resistance phase, was present in the teaching practice of dentists, associated with the female gender and with self-perception of stress, overload and exhaustion.

Keywords: Occupational Stress; Burnout, Psychological; Depression; Education, Higher; Faculty, Dental.

Introdução

As mudanças nas políticas públicas relacionadas à expansão e avaliação de desempenho da Educação Superior no Brasil reestruturaram a atividade docente e o trabalho intelectual recebeu impacto direto¹. Os professores do ensino superior acumulam atividades diversas relacionadas à educação significativa ao aluno, como atividades de gestão acadêmica, de pesquisa, de orientação, de extensão, entre outras, que geram sobrecarga². Isso se deve pela forma como é avaliada a docência: pelo número de orientações, pelo número de artigos e livros publicados e citados e pela sua produtividade em pesquisa¹.

Além disso, componentes curriculares que requerem o contato permanente com pessoas ocasionam cansaço físico e psicológico. Dessa forma, as exigências excessivas, aliadas à falta de recursos, ao excesso e burocratização do trabalho, à falta de tempo para si, tem levado esses profissionais à redução da sua qualidade de vida, ao estresse e ao adoecimento^{1,2}.

O estresse pode ser entendido dentro de um modelo quadrifásico envolvendo as fases de alerta, resistência, quase exaustão e exaustão. A primeira é considerada uma etapa positiva, na qual produz-se adrenalina e o indivíduo tem energia e vigor. Na resistência, há um acúmulo de tensão havendo desconforto e instabilidade emocional. As defesas imunológicas

ficam mais comprometidas se comparadas à fase anterior, aumentando a propensão à doenças físicas. Na fase de quase-exaustão, o indivíduo já não consegue adaptar-se ao agente estressor; e na exaustão ele não consegue produzir, tendo sérias dificuldades para concentrar-se e trabalhar³.

Nesta perspectiva, a Síndrome de *Burnout* (SB) é uma psicopatologia que surge em decorrência da cronificação do estresse. Caracteriza-se pela exaustão física, emocional e mental causada por agentes relacionados ao ambiente de trabalho⁴. Pode ser melhor compreendida dentro do modelo tridimensional baseado no ponto de vista psicossocial: exaustão emocional (EE), despersonalização (DS) e falta de realização pessoal (RP). A EE se mostra como uma manifestação direta do estresse, levando o indivíduo a não suprir exigências que lhe são feitas no trabalho. Já a DS caracteriza-se pela falta de sensibilidade, e atitudes cínicas e desumanizadas. Por fim, a RP está relacionada a avaliações negativas do indivíduo quanto ao seu desempenho no trabalho⁵.

A compreensão desse distúrbio multifatorial entre professores é possível à partir da investigação dos fatores potencialmente estressores presentes no ambiente de trabalho, muitas vezes prejudicial à sua saúde física e mental⁶. Embora sejam conhecidas algumas condições ligadas a essa patologia em docentes, a SB relacionada aos cirurgiões-dentistas que exercem a docência ainda foi pouco explorada pela literatura científica⁴.

As consequências dessas patologias na área profissional, provocam absenteísmo, atrasos, desempenho insatisfatório, queda da produtividade e problemas de relacionamento⁷. Entender os sinais e sintomas, assim como determinar a prevalência do estresse e da Síndrome de *Burnout* entre docentes do Ensino Superior é importante para fornecer subsídios à elaboração de estratégias que auxiliem à prevenção e tratamento de morbidades dessa natureza, zelando pelo bem-estar físico e emocional dos profissionais envolvidos⁴. Dessa forma, este estudo objetivou avaliar a prevalência do estresse e da SB e fatores associados entre cirurgiões-dentistas exercendo a docência em uma faculdade privada.

Metodos

Aspectos éticos

Conforme a resolução 466/12, por se tratar de um estudo envolvendo seres humanos, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob protocolo número

23910819.5.0000.5578. Os profissionais que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Amostra

No segundo semestre de 2019 existiam 43 cirurgiões-dentistas atuando como docentes no Ensino Superior na referida Faculdade privada do interior da Bahia. Todos eles foram convidados a participar da pesquisa.

Critérios de elegibilidade

Foram incluídos cirurgiões-dentistas exercendo docência no Ensino Superior no curso de Odontologia de uma Faculdade privada em uma cidade de médio porte da Bahia, com carga horária mínima semanal de 12 horas e atuação como docente do Ensino Superior há pelo menos um ano. Foram excluídos questionários parcialmente respondidos ou incompletos (mais de duas respostas faltando) e/ou professores afastados no momento da coleta de dados.

Instrumentos e coleta de dados

Foi utilizado um questionário estruturado autoaplicável com perguntas fechadas, contendo três partes, a primeira com aspectos bi demográficos e ocupacionais e outras duas específicas relacionadas ao estresse e Síndrome de *Burnout*.

Uma acadêmica do curso de Odontologia foi responsável pela coleta de dados que consistiu na entrega, individual, de um envelope de papel opaco contendo os questionários e duas cópias do TCLE. O estudo foi realizado no local de trabalho dos participantes durante o mês de novembro de 2019. Eles foram coletados pela pesquisadora logo em seguida à sua resposta, visando diminuir a possibilidade de viés de resposta, além de garantir a confidencialidade dos dados dos entrevistados.

O questionário bi demográfico foi composto por 17 perguntas envolvendo questões de ordem pessoal, de formação acadêmica e ocupacional criado pelas autoras.

O outro instrumento foi o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL) desenvolvido por Lipp³. Trata-se de um instrumento voltado para adultos, validado, de fácil aplicação, que permite a avaliação da presença de estresse, indicando em qual fase o indivíduo se encontra, assim como o tipo de sintoma mais prevalente: físico ou psicológico. O

ISSL contém 52 questões fechadas, divididas em três partes, sendo alguns sintomas repetidos, diferindo em intensidade e seriedade.

A seção do ISSL foi avaliada por uma profissional formada em psicologia. Foi considerado com estresse o indivíduo que assinalou no mínimo seis sintomas na primeira parte; ou três sintomas na segunda parte; ou oito sintomas na terceira parte. Constatando-se a presença de estresse, a partir da soma de escores dos itens assinalados em cada parte do inventário, foi possível avaliar a fase em que se encontrava (alerta, resistência, quase-exaustão ou exaustão). Adicionalmente, foi possível identificar a predominância de sintomas físicos, psicológicos ou quadros mistos³.

Já o questionário específico para avaliar a Síndrome de *Burnout* foi o Inventário de *Burnout Maslach – General Survey* (MBI-GS) adaptado. Tal instrumento foi proposto por Schaufeli et al., em 1996, na língua inglesa, traduzido e validado para o português brasileiro por Campos e Maroco (2012)⁸. Trata-se de 16 questões com uma linguagem simples e de fácil entendimento, com perguntas objetivas e respostas com escala tipo likert contendo seis graduações que variam de “nunca” a “todos os dias”. O instrumento é subdividido em três dimensões: a exaustão emocional, a despersonalização e o envolvimento pessoal no trabalho.

Este questionário também foi avaliado por uma profissional formada em Psicologia. Os parâmetros utilizados para a SB foram: exaustão emocional (EE) em nível baixo (inferior a 2,0), moderado (entre 2,1 e 3,1) e alto (igual ou superior a 3,2); despersonalização (DS) em nível baixo (inferior a 1,0), moderado (entre 1,0 e 2,1) e alto (igual ou superior a 2,2) e realização pessoal (RP) em nível baixo (inferior a 4,0), moderado (entre 4,0 e 4,9) e alto (igual ou superior a 5,0). Foi considerado com Síndrome de *Burnout* o indivíduo com resultados elevados nas dimensões exaustão emocional e despersonalização e baixo em realização pessoal.

Os instrumentos foram testados previamente ao estudo principal. Foi realizado um estudo piloto com 10 participantes que não foram incluídos na amostra principal da pesquisa, sendo realizado para a verificação da necessidade de adequações. Foi aplicado com profissionais da área da saúde que atuavam como docentes na mesma instituição que foi realizada a pesquisa principal no mês de outubro de 2019. Além da docência, esses profissionais também atuavam em atividades práticas. Os profissionais que fizeram parte do estudo piloto atuavam nas áreas da fisioterapia e biologia. Esses questionários foram aplicados de forma individual e privada, sendo entregues envelopes opacos contendo os

também o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Não foi identificada necessidade de adaptação.

Variáveis desfecho

Foram avaliadas as seguintes variáveis de desfecho: estresse (sim/não) e Síndrome de *Burnout* (sim/não) coletadas por meio de testes psicológicos específicos, analisadas por profissional da área de psicologia.

Variáveis preditoras

As seguintes variáveis preditoras foram avaliadas: sexo (masculino/feminino), tempo de egresso da Educação Superior (menos de 15 anos/mais de 15 anos), participação em curso de pós-graduação (sim/não), exercício de outra atividade profissional (sim/não), carga horária semanal dedicada à docência (entre 12 e 20 horas/mais de 20 horas), tipo de atividade docente (apenas aulas teóricas/ apenas aulas práticas/ aulas teóricas e práticas), exercício de cargo administrativo (sim/não), orientação de alunos (sim/não), autonomia para desenvolvimento de atividades (sim, totalmente/sim, parcialmente/não), compatibilidade entre a participação no processo de tomada de decisões e responsabilidades atribuídas (sim/não), doença sistêmica confirmada desde início da carreira docente (sim/não), autopercepção de sobrecarga (sim/não), autopercepção de estresse (sim/não) e autopercepção de esgotamento (sim/não).

Análise estatística

Os dados coletados foram sistematizados e submetidos a análise descritiva, estimando-se frequências absolutas e percentuais para as variáveis envolvidas. Posteriormente, análises bivariadas foram conduzidas para avaliar a associação entre as variáveis preditoras e as variáveis desfecho, por meio do teste Qui-quadrado, adotando-se nível de significância de 5%, utilizando-se o programa estatístico SPSS versão 23 (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Resultados

Dos 43 questionários respondidos, três foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão dessa pesquisa, totalizando 40 participantes. Houve predomínio do sexo

feminino (65,0%), com média de idade de 40,03 anos (DP=8,76), exercendo outra atividade profissional além da docência (85,0%) (Tabela 1).

Tabela 1 – Características dos cirurgiões-dentistas que exercem docência no Ensino Superior (n=40), Vitória da Conquista, 2019.

Características	N	%
<i>Sexo</i>		
Feminino	26	65
Masculino	14	35
<i>Tempo de egresso da Educação Superior</i>		
Mais de 15 anos	20	50
Menos de 15 anos	20	50
<i>Participação atual em curso de pós-graduação</i>		
Não	28	70
Sim	12	30
<i>Exercício de outra atividade profissional, além da docência, nos últimos seis meses</i>		
Sim	34	85
Não	6	15

Fonte: Dados da Pesquisa.

A maior parte dos cirurgiões-dentistas da amostra se dedica mais de 20 horas semanais à atividade docente (75,0%), lecionando tanto aulas teóricas quanto práticas (90,0%). A orientação acadêmica faz parte da sua rotina (92,5%) e, em média, possuem 4,78 alunos em orientação semestralmente (DP=3,93) (Tabela 2).

A respeito da autonomia para o desempenho das atividades docentes, grande parte considera possuir (95,0%), embora parcialmente (60,0%), e considera haver compatibilidade entre a sua participação no processo de tomada de decisões e responsabilidades a eles atribuídas (77,5%) (Tabela 2).

Tabela 2 – Caracterização quanto ao trabalho dos cirurgiões-dentistas que exercem docência no Ensino Superior (n=40), Vitória da Conquista, 2019.

Caracterização laboral	N	%
<i>Carga horária semanal dedicada à docência</i>		
Mais de 20 horas	30	75
Entre 12 e 20 horas	10	25
<i>Tipo de atividade docente</i>		
Aulas teóricas e práticas	36	90
Apenas aulas práticas	4	10
Apenas aulas teóricas	0	0
<i>Exercício de cargo administrativo além da docência nos últimos seis meses</i>		

Não	21	52
Sim	19	47
<i>Orientação de alunos</i>		
Sim	37	92
Não	3	7
<i>Considera que possui autonomia para o desempenho das atividades docentes?</i>		
Sim – parcialmente	24	60
Sim – totalmente	14	35
Não	2	5
<i>Considera que há compatibilidade entre a sua participação no processo de tomada de decisões e as responsabilidades que lhe são atribuídas no trabalho docente?</i>		
Sim	31	77
Não	9	22

Fonte: Dados da Pesquisa.

Observou-se que 67,5% dos entrevistados sentiam-se sobrecarregados, 72,5% percebiam-se como estressados e 57,5% percebiam-se como esgotados (Tabela 3).

Tabela 3 – Autopercepção dos cirurgiões-dentistas que exercem docência no Ensino Superior quanto à saúde (n=40), Vitória da Conquista, 2019.

Autopercepção de saúde	n	%
<i>Desde que você iniciou a carreira como docente, houve o desenvolvimento de alguma doença sistêmica confirmada?</i>		
Não	31	77
Sim	9	22
<i>Você se sente sobrecarregado com relação ao trabalho docente?</i>		
Sim	27	67
Não	13	32
<i>Você se sente estressado?</i>		
Sim	29	72
Não	11	27
<i>Você se sente esgotado?</i>		
Não	23	57
Sim	17	42

Fonte: Dados da Pesquisa.

Entre os participantes, 40,0% apresentaram estresse, segundo critérios do ISSL. Desses, 35% encontravam-se na fase de resistência, 2,5% na fase de alerta e 2,5% na fase de exaustão. Em relação à sintomatologia do estresse, verificou-se que 25,0% dos professores apresentam predominância de sintomas físicos, 10,0% de sintomas psicológicos e 5,0% de

sintomas físicos e psicológicos (Tabela 4). De acordo com o MBI-GS, nenhum dos entrevistados exibiu Síndrome de *Burnout* (Tabela 5).

Tabela 4 – Presença de estresse, suas fases e sintomas entre os cirurgiões-dentistas que exercem docência no Ensino Superior (n=40), Vitória da Conquista, 2019.

Estresse	n	%
<i>Presença</i>		
Não	24	60
Sim	16	40
<i>Fase</i>		
Ausência de estresse	24	60
Resistência	14	35
Alerta	1	2,5
Exaustão	1	2,5
Quase-exaustão	0	0
<i>Sintomas</i>		
Ausência de estresse	24	60
Físicos	10	25
Psicológicos	4	10
Físicos e psicológicos	2	5

Fonte: Dados da Pesquisa.

Tabela 5 – Presença da Síndrome de *Burnout* e suas características entre os cirurgiões-dentistas que exercem docência no Ensino Superior (n=40), Vitória da Conquista, 2019.

Síndrome de Burnout	n	%
<i>Presença</i>		
Não	40	100
Sim	0	0
<i>Exaustão emocional</i>		
Baixo	16	40
Médio	14	35
Alto	8	20
Ausência de sintomas	2	5
<i>Despersonalização</i>		
Baixo	24	60
Ausência de sintomas	11	27,5
Médio	4	10
Alto	1	2,5
<i>Realização pessoal</i>		
Alto	33	82,5
Médio	3	7,5
Baixo	4	10
Ausência de sintomas	0	0

Fonte: Dados da Pesquisa.

Os principais fatores estressantes citados pelos participantes foram o trabalho extra sala de aula e questões relacionadas aos discentes (desinteresse e desrespeito).

O estresse confirmado pelo ISSL foi significativamente maior no sexo feminino ($X^2=5,934$; $p=0,020$) e nos indivíduos com autopercepção de sobrecarga ($X^2=4,862$; $p=0,040$), estresse ($X^2=6,040$; $p=0,027$) e esgotamento ($X^2=16,385$; $p=0,000$).

Não foram encontradas associações entre estresse e tempo de egresso da Educação Superior, participação em curso de pós-graduação, exercício de outra atividade profissional além da docência, carga horária semanal dedicada à docência, tipo de atividade docente, realização de atividade administrativa, orientação de alunos, autonomia para o desempenho das atividades ou participação no processo de tomada de decisões.

Discussão

As pesquisas sobre o estresse têm aumentado consideravelmente em diversas áreas de atuação, dada sua importância para a saúde dos profissionais. Os docentes fazem parte de um grupo de risco a esse agravo⁹. A amostra total incluída na pesquisa foi de 40 profissionais, com média de idade de 40,03 anos. Observou-se que a maioria foi composta por mulheres (65,0%), semelhante a outras pesquisas^{4,11,12}.

A maior parte dos entrevistados (85,0%) exerce outra atividade profissional, o que foi observado em pelo menos duas outras pesquisas^{10,11}. Se por um lado a dupla jornada de trabalho pode representar um fator estressor devido a outras situações desgastantes experimentadas pelo profissional¹¹, por outro lado, pode ser uma válvula de escape, pois o indivíduo varia o ambiente laborativo¹⁰.

A predisposição ao desenvolvimento do estresse ocupacional pelos docentes pode relacionar-se à jornada de trabalho extensa dos cargos que assumem⁹. A maior parte dos cirurgiões-dentistas da amostra se dedica mais de 20 horas semanais à atividade de docente (75,0%), lecionando tanto aulas teóricas quanto práticas (90,0%). Dado semelhante aos apresentados por outros autores⁴. Sabe-se que o trabalho docente extrapola a sala de aula, com correções de provas e trabalhos, montagem de planos de aula, o que gera sobrecarga⁹.

A orientação acadêmica faz parte da rotina do grupo de professores analisado (92,5%) e, em média, cada um possui 4,78 alunos em orientação semestralmente. A exigência cada vez maior por produção científica leva o docente a se envolver com um número elevado de

orientações, levando ao excesso de tarefas^{12,13}. A pressão por produção em pesquisa acaba sendo um ciclo vicioso que desencadeia competição entre os próprios professores, subordinando os docentes a grande sobrecarga, levando-os ao cansaço, ao estresse, e, muitas vezes, à frustração¹².

A sobrecarga foi um achado importante dessa pesquisa. Grande parte dos entrevistados (67,5%) sentia-se sobrecarregado, consistente ao que foi encontrado em uma pesquisa realizada na região metropolitana de Porto Alegre-RS¹³. A sobrecarga leva à realização de tarefas laborais em casa, o que faz com que sejam ultrapassadas as horas semanais de trabalho contratadas, e pode limitar o tempo para convívio com a família e amigos e para atividades de lazer^{12,14}. Participar de atividades que não tenham relação com o contexto laboral contribui potencialmente para a redução das tensões no trabalho e influencia diretamente na forma como o empregado pensa, sente e age em seu trabalho⁶.

Os resultados do estudo de Araújo et al. (2015)¹⁰ apontaram que os níveis de estresse da maioria dos participantes eram baixos, apresentando-se altos apenas para quem trabalhava de 30 a 40 horas semanais. Nessa pesquisa todos os participantes trabalhavam mais de 12 horas semanais, sendo a maioria (75,0%) com regime de pelo menos 20 horas semanais. É importante evidenciar que o surgimento da SB ou outros problemas decorrentes do estresse ocupacional dependem da personalidade do indivíduo, relacionando-se à maneira como ele enfrentará os acontecimentos que lhe causam estresse ao longo da vida¹⁰.

Entre os participantes, 40% apresentaram estresse, segundo critérios do ISSL. Desses, 35% encontravam-se na fase de resistência, o segundo estágio da doença, quando o corpo procura adaptar-se para promover o equilíbrio. Somente 2,5% encontravam-se na fase de alerta, considerada uma fase positiva, quando há produção de adrenalina que proporciona energia e motivação para o indivíduo, além de produzir um sentimento de plenitude¹⁰. Na pesquisa de Oliveira et al. (2011)⁷, sobre fatores estressantes na docência em saúde de uma universidade pública do norte do Brasil, esse fato foi atribuído às estratégias utilizadas pelos docentes frente ao estresse não serem suficientes para seu enfrentamento.

Em relação à sintomatologia do estresse, verificou-se que 25,0% apresentaram sintomas físicos predominantes, o que condiz com outros estudos^{12,14}. O estresse é capaz de desencadear sérios problemas de diversas ordens no indivíduo, pois situações estressantes enfraquecem os sistemas de defesa do organismo, ativam os mecanismos que acionam processos inflamatórios, ou inversamente, desativam aqueles que os inibem¹². As doenças

musculoesqueléticas e problemas com a voz, o sono, a memória, e dores de cabeça constantes são problemas que podem emergir dessa situação^{12,14}.

Em revisão de literatura estudando o assunto, Montalvão et al. (2018)¹¹ observaram prevalência da SB na maioria dos estudos analisados. No entanto, de acordo com o MBI-GS, no presente estudo, a SB não foi identificada em nenhum dos participantes. Apesar disso, pode-se perceber que as condições de trabalho e a sobrecarga poderiam ser um fator estressante na prática diária desses docentes, contribuindo para o desenvolvimento da Síndrome^{4,9}. Além disso, a SB possui progressão lenta, aparecimento gradual, evoluindo quase sem a percepção do indivíduo, podendo levar décadas para seu aparecimento⁴.

Essa pesquisa demonstrou que entre os principais fatores estressantes relatados pelos participantes, questões relacionadas ao desinteresse e desrespeito dos discentes e o trabalho extra sala de aula foram pontuadas. A relação com os discentes pode representar um potencial estressante para o docente a medida que tensões relacionadas ao mau comportamento do aluno aumentam a intensidade das emoções negativas⁵.

O estresse confirmado pelo ISSL foi significativamente maior no sexo feminino. O fato de as mulheres possuírem, além das preocupações com seu trabalho, mais exigências sociais que os homens, como por exemplo a dupla jornada de trabalho ao terem que cuidar de tarefas domésticas, de filhos e da organização do lar, ao mesmo tempo que se dedicam às atividades profissionais pode explicar esse índice^{1,6,11}.

Contrariamente ao estudo de Soares et al. (2019)¹² o qual demonstrou correlação entre a realização de atividades administrativas e estresse, nessa pesquisa não houve associação entre as variáveis. Esse envolvimento exige do profissional um conhecimento além da sua formação acadêmica, necessitando tempo dedicado ao seu aprendizado, e isso poderia representar uma propensão ao estresse.

O presente estudo teve como principais elementos limitadores o fato de possuir uma amostra pequena, não sendo possível generalizar os resultados encontrados. Além disso, se trata de um estudo com delineamento transversal, não cumprindo o requisito de relação temporal para estabelecer causa e efeito. Dessa forma, estudos mais amplos e longitudinais podem não somente estimar a prevalência do estresse e SB entre docentes, mas melhor elucidar as suas causas.

Conclusões

Este estudo identificou sintomas como sobrecarga, estresse e esgotamento, que são fatores contribuintes para o desenvolvimento da Síndrome de *Burnout*.

Houve predomínio dos sintomas de estresse nos participantes do sexo feminino, assim como a maioria dos integrantes da amostra considerados estressados, estavam na fase de resistência, quando há acúmulo de tensão, com desconforto e instabilidade emocional, podendo comprometer as defesas imunológicas. Nessa fase, a propensão a doenças físicas é aumentada, houve também predomínio de sintomas físicos.

Entre os relatos dos docentes destacaram-se a sobrecarga devido aos trabalhos extra sala e aspectos relacionados aos discentes como o desrespeito e desinteresse.

Esse estudo permitiu iniciar uma reflexão sobre a saúde mental dos docentes no Ensino Superior, um aspecto fundamental tanto para a qualidade do ensino-serviço quanto para a sua qualidade de vida.

Sugere-se a realização de estudos futuros com maior número de profissionais e de instituições envolvidas buscando aumentar o poder de explicação do modelo, incluindo variáveis ligadas às atividades de lazer e de convívio familiar além das relacionadas à carreira.

Referências

1. HOFFMAN, C.; et al. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. *Estudos Avançados*, v. 31, n. 91, p. 257-76, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/GPrGfxy69Xj5YHrSKLVSWHJ/?lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2021.
2. ALVES, P. C.; OLIVEIRA, A. F.; PARO, H. B. M. D. S. Quality of life and burnout among faculty members: How much does the field of knowledge matter? *Plos One*, v. 14, n. 3, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6430383/>. Acesso em: 10 set. 2021.
3. LIPP, M. E. N. *Manual do Inventário de Sintomas de Stress para adultos de Lipp*. 3ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.
4. NASCIMENTO, V. L.; et al. Burnout Syndrome among dental professors: a cross-sectional study. *Revista da Abeno*, v. 18, n. 2, p. 62-71, 2018. doi: 10.30979/rev.abeno.v18i2.557.
5. PRADO, R. L.; et al. Avaliação da síndrome de Burnout em professores universitários. *Revista da Abeno*, v. 17, n. 3, p. 21-9, 2017. doi: 10.30979/rev.abeno.v17i3.409.

6. MASSA, L. D. B.; et al. Síndrome de Burnout em professores universitários. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 27, n. 2, p. 180-9, 2016. doi: 10.11606/issn.2238-6149.v27i2p180-189.
7. OLIVEIRA, M. G. M.; CARDOSO, C. L. Stress e trabalho docente na área de saúde. *Estudos de Psicologia.*, v. 28, n. 2, p. 135-41, 2011. doi: 10.1590/S0103-166X2011000200001.
8. CAMPOS, J. A. D. B.; MAROCO, J. Adaptação transcultural Portugal-Brasil do inventário de Burnout de Maslach para estudantes. *Revista de Saúde Pública*, v. 46, n. 5, p. 816-24, 2012. doi: 10.1590/S0034-89102012000500008.
9. PEREIRA, R. C.; et al. Síndrome de Burnout em professores de medicina: revisão sistemática. *Revista EDaPECI*, v. 18, n. 3, p. 115-26, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/10026>. Acesso em: 10 set. 2021.
10. ARAÚJO, B. L. S.; et al. Estresse Ocupacional em Docentes de uma Instituição de Ensino Superior da Região Metropolitana de Goiânia. *Revista de Divulgação Científica. Sena Aires*, v. 4, n. 2, p. 22-30, 2015. Disponível em: <http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/243/117>. Acesso em: 10 set. 2021.
11. MONTALVÃO, C. R.; CORTEZ, L. E. R.; MILANI, R. G. Síndrome de Burnout e condições psicossociais em docentes do ensino superior. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, v. 40, n. 3, p. 1-8, 2018. doi: 0.4025/actascihumansoc.v40i3.36437.
12. SOARES, M. B.; MAFRA, S. C. T.; FARIA, E. R. Fatores associados à percepção de estresse em docentes universitários em uma instituição pública federal. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, v. 17, n. 1, p. 90-8, 2019. doi: 10.5327/Z1679443520190280.
13. DALAGASPERINA, P.; MONTEIRO, J. K. Estresse e docência: um estudo no ensino superior privado. *Revista Subjetividades*, v. 16, n. 1, p. 37-51, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5275/527554776004.pdf>. Acesso em: 10 set. 2021.
14. ALVIM, A. L.; et al. O estresse em docentes de ensino superior. *Brazilian Journal of Development*, v. 5, n. 12, p. 32547-58, 2019. doi: 10.34117/bjdv5n12-318.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

CHAVES, Raissa Santos; PINHEIRO, Cláudia de Jesus; MANIA, Taiomara Vieira. Estresse Ocupacional de Cirurgiões-Dentistas que exercem Docência em uma Faculdade Privada . **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2022, vol.16, n.59, p. 30-43, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 05/10/2021;

Aceito 017/01/2022;

Publicado em: 28/02/2022.